

EDITORIAL

De 25 a 28 de maio p.p. ocorreu em Poços de Caldas a 21ª Reunião Anual da SBQ, com a apresentação de 1268 trabalhos e a participação de 1625 sócios, configurando-se assim na maior reunião científica do país. Além das discussões acadêmico-científicas ocorridas nas conferências, sessões coordenadas e de painéis, assembleias divisionais e reuniões informais, a reunião culminou com a 21ª Assembleia Geral da SBQ, quando tomaram posse a Diretoria e o Conselho para o biênio 1998 - 2000. Neste momento, como Ex-Presidente da SBQ, cabe fazer uma reflexão sobre os avanços da Sociedade no biênio 96-98 e arriscar opinar sobre os desafios futuros.

No plano interno, neste biênio, a SBQ continuou avançando com a profissionalização e a informatização no seu gerenciamento e divulgação, bem como continuou a garantir a qualidade editorial e científica de suas publicações. No tocante às Reuniões Anuais, foram realizadas alterações no seu formato, especialmente nas atividades noturnas, e nos resumos, que foram ampliados para duas páginas o que facilitou a sua avaliação. Estas modificações foram bem recebidas e absorvidas pela Sociedade. Entretanto, é no plano externo que as ações da SBQ têm maior impacto e onde se encontram os maiores desafios atuais e futuros da Sociedade, especialmente no sistema de ensino, ciência e tecnologia do país.

Transformações significativas foram iniciadas sobre o sistema de ensino, ciência e tecnologia do país, as quais estão relacionadas direta ou indiretamente com a SBQ e que têm despertado o interesse dos sócios bem como acaloradas discussões. Seria muito difícil discutir o amplo espectro destas transformações, neste editorial, sem torná-lo excessivamente longo e tedioso. Deste modo, dirigiremos, no momento, as nossas reflexões para alguns aspectos que julgamos os mais relevantes: a graduação e pós-graduação em química, a avaliação por pares e o financiamento do ensino e pesquisa.

O ensino de graduação em química passa por uma fase extremamente difícil. O parque laboratorial/instrumental/bibliotecas é, no máximo, razoável onde existem cursos de Pós-Graduação em Química, sendo, entretanto, inadequado e/ou obsoleto quando da inexistência de Cursos de Pós-Graduação na Instituição. A evasão média é superior a 70% e a grande maioria dos currículos atuais forma químicos para serem empregados em indústrias e/ou estudantes de pós-graduação. Neste cenário, foi promulgada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996 (Lei nº 9.394). O Prof. Romeu C. Rocha Filho fez uma ampla avaliação das perspectivas e desafios para a área de Química no editorial de *Química Nova*, vol. 20, nº 4, 1997. Destacamos que a nova LDB acaba com o "currículo mínimo" e incentiva a flexibilização curricular. É o momento da área de química realizar uma reforma curricular que, sem prejuízo de uma formação didática, científica e tecnológica sólida, avance também na direção de uma formação humanística que dê condições ao novo profissional de exercer a profissão em defesa da vida, do ambiente e do bem estar dos cidadãos. Também, é preciso tornar os cursos de química mais atraentes e dinâmicos, de modo a reduzir a evasão e estimular o aprendizado e o espírito empreendedor do estudante. Nesse sentido a SBQ, através dos seus sócios e de suas publicações e reuniões científicas, poderá ter um papel propositivo relevante.

É inquestionável o crescimento vertiginoso da Pós-Graduação em Química nos últimos 20 anos, bem como a sua contribuição para a melhoria do ensino de graduação. Na avaliação da CAPES realizada em 1996, relativa ao período 94-95, existiam 43 cursos e 14 destes (33%) receberam o conceito A, o que demonstra a qualidade da área. Uma avaliação geral, utilizando os dados dos últimos dez anos, revelou tendência decrescente no tempo de titulação e crescente no número de publicações e dissertações/teses defendidas. Recentemente, sem discussão ampla com a comunidade acadêmica, a CAPES alterou os critérios de avaliação e, entre outros, substituiu os conceitos de E a A por números de 1 a 7. Se a proporção anterior prevalecer, pelo menos 1/3 (cinco) dos cursos com conceito A deverão atingir o conceito 7. No momento a comunidade aguarda a divulgação dos novos conceitos, com a expectativa de que a avaliação torne-se cada vez mais qualitativa e menos quantitativa. Infelizmente, a discussão, que não ocorreu antes da avaliação, ocorrerá apenas após. Por outro lado, cabe registrar que são preocupantes os cortes ocorridos nas bolsas de formação e o nível de desinformação associado à sua distribuição.

A avaliação da Pós-Graduação está intimamente relacionada com a avaliação dos professores/pesquisadores no CNPq. Enquanto o número de docentes doutores atuando na PG em Química era 693, o de bolsas de produtividade em pesquisa era cerca da metade deste número. Só para comparação, a Física contava, na mesma época, com 886 doutores e um número de bolsas de produtividade em pesquisa praticamente duas vezes maior que o da Química! É óbvio que o congelamento nas bolsas está penalizando a nossa área e, o que é mais grave, impedindo o acesso de novos doutores produtivos às mesmas, bem como impondo parâmetros de cortes indesejáveis.

O aspecto mais relevante considerado nas avaliações na CAPES e no CNPq é a publicação de artigos. Certamente que este parâmetro não é, e nem pode ser, o único. Entretanto, freqüentemente, a saúde acadêmica dos cursos de PG é associada ao número de publicações/docente/ano, ou a posição do pesquisador no CNPq é associada ao número de artigos publicados no biênio avaliado. Números têm significado! Comparar cursos de pós-graduação de dimensões distintas em estágios de consolidação distintos e com acesso a recursos diferenciados, baseando-se apenas em indicadores quantitativos, pode levar o sistema avaliador/avaliado a desvios indesejáveis. A avaliação do pesquisador não pode desconsiderar o seu papel na formação de recursos humanos, liderança, gerenciamento e atuação político/científica no âmbito da sua instituição e da comunidade científica.

A "numerologia", mesmo disfarçada através de indicadores como "citation index" do autor e/ou índices de impacto, pode levar a desvios consideráveis. Vários autores são bastante citados devido a resultados erráticos ou conclusões inadequadas! Por outro lado, a crescente especialização na área de Química e a expansão de suas interfaces têm resultado na criação de muitos periódicos a cada ano. Certamente que o índice de impacto dos novos periódicos é inexistente ou inexpressivo. Só para citar um exemplo, o *Aerosol Science and Technology*, editado pela American Association for Aerosol Research, está no vol. 28 e o grande desafio colocado aos editores na última reunião anual da AAAR foi atingir índice de impacto 1! No Brasil o desafio é muito maior. Um exemplo disto está registrado em editorial escrito pelo Prof. Angelo C. Pinto no *Journal of the Brazilian Chemical Society* (vol. 9, nº 2, 1998). Essas reflexões não visam desmerecer a avaliação através das publicações, mas sim a excessiva importância da numerologia. Comitês são constituídos para avaliar qualidade. Os maiores desafios da avaliação por pares estão na escolha destes, na sua adequação com relação ao sistema sob avaliação e na definição dos indicadores relevantes ao sistema. Apesar deste assunto estar presente constantemente nas reuniões e publicações da SBQ, ainda não existe uma relação direta entre a discussão na Sociedade e a ação das agências. Entretanto, existe uma relação direta entre o resultado da avaliação e o fomento.

Uma das transformações mais significativas que está ocorrendo no sistema de ensino, ciência e tecnologia é a relacionada ao fomento. A FAPESP tem anunciado orçamentos crescentes em C&T. A previsão para este ano é de cerca de R\$ 290 milhões. O MCT divulgou que os investimentos nacionais em C&T cresceram de 0,85% do PIB em 92 para 1,2% em 97. Entretanto, existe um sentimento geral de que os recursos têm diminuído, levando à dúvida sobre a veracidade das informações divulgadas! Uma análise mais apurada, demonstra que os recursos realmente aumentaram e que a sensação de diminuição está associada ao esvaziamento do balcão do CNPq e da FINEP para projetos de demanda espontânea e à excessiva alocação de recursos através de programas especiais. As siglas são variadas: PADCT, RHAE, PRONEX, PIE etc., mas a concentração de recursos é real. Existem hoje grupos de pesquisa com acesso a recursos muito além de suas reais necessidades. Basta lembrar que muitos dos que dirigiram-se ao PRONEX diziam, reservadamente, que buscavam na realidade o "rótulo de excelente" e não mais recursos. Também é real que o fomento praticamente inexistente para os iniciantes.

O impacto de um programa como o PRONEX, por exemplo, seria bastante amplificado se não tivesse sido esvaziado na FINEP o apoio a projetos institucionais através do FNDCT e o CNPq tivesse mantido o apoio através de projetos individuais e/ou integrados de pesquisa e criado o sistema de "grants" para os seus pesquisadores. Outro fator importante relacionado ao financiamento através de programas especiais é o papel das agências estaduais induzindo a criação de novos grupos e o trabalho em temas de interesse regional. Infelizmente, à exceção da FAPESP, a ação das demais agências é na melhor das hipóteses tímida ou inexistente. Mais uma vez, devido à sua representatividade nacional, a SBQ pode ter um papel relevante na discussão, diagnóstico e elaboração de documentos sobre a área, nos moldes do publicado em *Química Nova* em 1995 (vol. 18, p. 509)

A representatividade da SBQ, através dos seus sócios, no sistema de ensino, ciência e tecnologia do país é inquestionável e confunde-se com a representatividade da própria área de Química. Recentemente, em qualquer comitê que envolva a área, formado no âmbito das universidades, MEC, MCT, agências estaduais de fomento à pesquisa ou Academia Brasileira de Ciências, entre outros, reconhecemos a presença majoritária de membros da Sociedade. Um fato recente e de grande relevância, é a presença significativa de sócios da SBQ nas reitorias e/ou pró-reitorias de várias universidades. Vale ressaltar que um número significativo destes sócios ilustres ocupou posições de destaque na SBQ, especialmente nas secretarias regionais, diretorias de divisões e/ou nacional, conselho e na editorias/conselhos editoriais de nossas publicações. Em resumo, a Sociedade permeou o sistema de ensino, ciência e tecnologia do país e o maior desafio atual e futuro é tornar institucional a representatividade "individual".